

CARLOS LEMOS

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 28/07/2008

Qual o seu nome completo, local e data de nascimento?

Meu nome completo é Carlos Lemos Leite da Luz. Nasci, modéstia à parte, em Vila Isabel, no dia 28 de agosto de 1929, nasci de parteira e em casa.

Quais os nome e as atividades de seus pais?

Meu pai era funcionário público e minha mãe era, o que se chamava na época, modista. Ela costurava para fora, no bom sentido. O meu pai era José Leite da Luz e o nome da minha mãe era Maria José Lemos Leite da Luz. Todo mundo me conhece como Lemos, mas meu nome é Leite da Luz. Eu sou Lemos, posso explicar se interessar, porque quando eu comecei, fui ser estagiário da Tribuna da Imprensa, eu cheguei na redação e quem tinha me indicado era meu professor na PUC, Nilson Viana, eu cheguei lá e o chefe da reportagem era Hilcar Leite, já falecido e ele perguntou: "como é o seu nome de guerra?" Eu digo: "Leite" Ele disse: "Leite sou eu, procura outro". Eu disse: "Carlos", e ele: "Carlos aqui só tem um". Era o Carlos Lacerda, que todo mundo na redação chamava de Carlos, ninguém chamava de Lacerda. Aí tinha um político PSD mineiro chamado Carlos Luz, eu digo: "Não, Carlos Luz não quero ser". "Então Lemos, pode ser?" "Pode". Carlos Lemos. Virou meu nome de guerra. Cheguei em casa, expliquei ao meu pai porque que eu não era conhecido como Leite da Luz, Carlos Leite ou Carlos Luz para ele não pensar que era um rejeição ao nome dele. Aí fiquei Lemos o resto da vida. Tem gente que procura no catálogo Lemos e não acha, até tem outros Lemos aí, mas não sou eu.

Sua família já tinha algum envolvimento com jornalismo?

Nenhum, ninguém era jornalista. Eu fui ser jornalista por acaso. Eu comecei a trabalhar numa empresa de administração de bens, era escriturário até que um dia briguei lá e saí. E a minha mãe ficou, como toda boa mãe, pentelhando: "Meu filho,

volta a estudar, vai estudar, vai estudar". Eu digo: "Ah, então está bom" Aí eu fiz vestibular para Direito ali onde era a UFRJ, no Catete, na rua do Catete, aí eu vi o anúncio no jornal: curso de Jornalismo na PUC e eu digo: "isso deve ser um curso de cultura geral bom". Me inscrevi no tal vestibular, tinha oito candidatos e passaram os oito, a turma tinha oito. Aí arrumei um emprego, eu trabalhava na Fundação Getúlio Vargas de manhã, até uma hora duas horas, sei lá. De tarde eu ia ser camelô, eu vendia palito de matéria plástica e de noite eu ia um dia num a faculdade e outro dia na outra, ia alternado assim Jornalismo com Direito. Na aula de Jornalismo, a PUC ainda era ali na São Clemente, acho que era a segunda ou terceira turma do curso de Jornalismo que se fazia, não era nem curso de Comunicação, era curso de Jornalismo e não tinha semiótica, essas coisa de hoje. As aulas eram muito práticas, o Nilson dava exercícios, ele era secretário da Tribuna da Imprensa. A turma tinha 8 ou 6 pessoas, uma delas é jornalista até hoje, a Clecy Ribeiro e teve outro o Assis, que não foi jornalista, mas virou escritor, e sempre os melhores exercícios eram os meus, sempre, aí o Nilson disse: "você não quer fazer um estágio lá na Tribuna?". Aí eu fui fazer o estágio na Tribuna e no meio do ano eu já era uma vedetinha, eu já era o cara, modéstia à parte. Minha primeira matéria deu primeira página na Tribuna da Imprensa. No meio do segundo ano, eu digo: "meu negócio é o Jornalismo, eu vou deixar o Direito". Como eu trabalhava na Fundação Getúlio Vargas, eu fiz aquele psicotécnico para ver que profissão devia seguir e deu que eu devia ser advogado. Eu até hoje, eu fico me perguntando: que belo advogado eu deveria ser ou que porcaria de exame é aquele a que submetem esse jovens? Comecei na Tribuna e o Hélio Fernandes, que naquela época era diretor de uma revista chamada Revista da Semana, que agora outro grupo está usando esse nome, ele era o diretor, me chamou e eu fazia para a Tribuna da Imprensa reportagem geral, fazia de tudo e na Revista da Semana eu fazia a mulher da capa. É um assunto que sempre me agradou muito: mulher. Então, eu fazia a reportagem da capa fotografada pelo Yllen Kerr, que já morreu, grande fotógrafo, e eu reportando. Alguma delas são só socialites, o termo que se usa até hoje. Eu fazia aquilo e tal e, depois, eu comecei a fazer também o Amaral Neto, que era da Tribuna da Imprensa, daquela turma da pesada. Ele criou um revista chamada Maquis, que saía quinzenalmente e eu fui trabalhar na Maquis também, eu trabalhava igual a um alucinado. A Tribuna era vespertino, realmente vespertino, fechava às 11 horas da manhã e eu saía de casa às 6 horas da manhã e ia para a Tribuna, depois ia fazer a Revista da Semana. Depois eu fui contratado pela Manchete, fazia o Maquis, trabalhava alucinadamente. Saía de casa às 6 da manhã e voltava às 10 da noite. Aí a minha filha mais velha, tinha, naquela época, pouco menos de um ano, ela me via aos domingos, olhava par minha cara e

começava a chorar porque não sabia quem era aquele sujeito. "Pô que cara é esse aqui que me apareceu, que eu não sei quem é". Até que um dia me mandaram fazer um crime que houve em Alagoas, Arapiraca, mataram um deputado da UDN lá e eu fui cobrir, depois voltei e o Juracy Magalhães, que era presidente da UDN, foi lá a Arapiraca e trouxe de lá a metralhadora que o cara tinha sido assassinado, fuzil, sei lá que arma era, e eu fui de manhã, às 7 horas da manhã, entrevistá-lo, já que eu estava por dentro do assunto, entrevistá-lo na casa dele ali em Copacabana, naqueles altos de Copacabana, e o jornal fechava às 11, não é? Fui, entrevistei e voltei para a redação para fazer a matéria e o editor de Política, me fugiu agora, era um senhor, já morreu, era o Nertan Macedo. Eu sou um perfeccionista para escrever, aliás para tudo. Eu faço o lide, naquela época era máquina de escrever, e não gostei, arranco, boto papel na máquina, eu faço três lides, se eu tiver que fazer uma reportagem são três lides, no mínimo, não sai de cara não. Aí o Nertan: "vamos embora, me dá os dados que eu escrevo". Eu digo: "Matéria minha ninguém escreve". "Mas o jornal..." "Que se dane o jornal, não sai matéria" Entreguei a matéria e disse: "Olha aqui, quero dizer o seguinte: pegue esse jornal, enfia no..., manda o Carlos Lacerda à merda, pois aqui eu não trabalho mais". E saí e peguei o bonde ali, e o Jornal do Brasil estava iniciando a grande reforma dele, era meio de 1957, por aí, e o Jornal do Brasil, que foi um dos melhores jornais do mundo, estava contratando o que havia de melhor no jornalismo carioca, o pessoal todo do Diário Carioca, que era um estilo mais leve, um estilo mais de matéria humana e tal. Pompeu de Souza e Carlos Lacerda introduziram o lide nos jornais cariocas e brasileiros. Convidaram os melhores da Tribuna da Imprensa e os melhores do Diário Carioca e não me convidavam. Isso antes de eu sair da Tribuna. Aí eu digo: "vou apurar porque não me convidam, eu quero saber". O Hermano de Deus Nobre Alves, tinha sido meu professor, substituiu o Nilson lá na PUC, tinha dito para o Odylo, que então dirigia o Jornal do Brasil e estava fazendo a reforma, que eu era temperamental, que só fazia a matéria que queria e era metido a vedete. Eu disse: "que filho da puta". Mas enfim.... Peguei o bonde e saí da Tribuna e fui lá Jornal do Brasil e disse para o Odylo: "Odylo, me nome é Carlos Lemos". Ele disse: "Eu sei, já te conheço". Ele era colega de trabalho do meu pai no Instituto dos Comerciários. Eu quero te dizer o seguinte: "Não sou temperamental, não escolho matéria, não dou piti e queria saber se tem um lugar para eu trabalhar aqui". Ele disse: "tem". Eu tinha acabado de dar um piti lá na Tribuna da Imprensa, tinha sido temperamental [risos]. "Quando eu começo?". Ele disse: "quando você quiser". "Agora!". Aí eu fui fazer uma matéria que era um negócio que estava aparecendo no Brasil, televisão em UHF e MHF e o Jornal do Brasil, já naquela época, tinha uma pretensão de ter uma televisão. Eu saí para fazer, até que achei

um sujeito que conhecia o negócio e fiz uma matéria que saiu jóia, explicava direitinho tudo. Como vocês vêem, eu sou de uma modéstia extraordinária. Mas sou modesto mesmo, sou tímido e modesto, mas o que eu sou eu não posso negar, seria mentir para mim mesmo. Dr. Nascimento ficou satisfeitíssimo com a matéria e eu fiquei lá no Jornal do Brasil. Eu comecei como repórter da Geral, fim do ano de 1957, início de 1958. O Jornal do Brasil estava fazendo a reforma e quem disser que é o pai da reforma do Jornal do Brasil: Jânio, Dines, Odylo... não é ninguém. A reforma do Jornal do Brasil não tem pai, mas se tiver chama-se Amilcar de Castro, artista plástico, era o maior escultor, pintor. Ele é que deu ao Jornal do Brasil a forma física, que é o básico para ser aquele jornal que era de uma qualidade extraordinária. Claro, todos os outros contribuíram. O Jânio... Todos esses que eu citei, eu, Noronha, Luiz Orlando Carneiro. Não tem pai, mas se tiver é o Amilcar. Aí, vinha a Copa do Mundo de 58, que ia acontecer na Suécia, e o JB, que estava fazendo a reforma, mas essa reforma ainda não havia chegado ao Esporte. Já estava na Internacional com Newton Carlos, e ao Esporte não tinha chegado e eu gostava muito de futebol, como gosto até hoje, e me perguntaram se eu não queria cobrir. Em todos os esportes, eu fui atleta do Fluminense, corredor de meio fundo, ruim, não fui bom não, mas fui. Pô, era só o que eu queria. Fui cobrir a Copa do Mundo, eu fotografava também e fui fotografando. A matéria era o telegrama e aqui desvendavam o telegrama. O jornalismo esportivo naquela época ainda era muito caduco, muito rançoso. Eu apliquei na cobertura as regras que estavam modernas do jornalismo. Luís Mendes estava nessa Copa, ele deve ter contado aqui, naquela época, ele era narrador e não era comentarista como ele é hoje. Quando eu voltei, o Odylo disse: "eu quero que você vá para o Esporte fazer a reforma". Eu digo: "está legal, eu vou, você é quem manda". Tinha uns velhinhos lá, o Dr. Célio de Barros, figura respeitável, nome do estádio de atletismo aqui do Rio de Janeiro, ali no Maracanãzinho, era o chefe, fazia um artigo só e mais nada, e eu fui montando uma equipe para fazer. Uma das condições que eu pedi ao Odylo para ir era levar comigo o Jânio de Freitas. O Jânio de Freitas era mais experiente em jornalismo do que eu, tinha uma noção muito boa de diagramação e podia ser o meu segundo porque - ele sabia mais do que eu até - eu tinha mais elã [risos]. Começamos a fazer aos poucos e tal, mudando a diagramação e montando uma equipe: Luiz Barbosa, Fernando Horácio da Mota, dois garotos, Fernando já morreu, Luizinho depois foi para Brasília. Um que eu trouxe da Tribuna, que não sabia português direito Arthur Paraíba, já morreu também, mas era um repórter bom. Um fotógrafo lá, esqueço o nome, me disse: "Ih rapaz, lá no Catumbi tem um rapaz que quer ser jornalista esportivo". Eu digo: "Não amola, já tem muita gente aqui". Mas todo dia esse fotógrafo vinha falar comigo. Um dia eu disse: "traz ele

ai". Aí, chegou lá o Oldemário Vieira Touguinhó. O Oldemário Touguinhó usava um bigode, uma cabeleira de cantor de tango argentino. Eu ia mandá-lo para Bangu, que era longe. Tinha que cobrir o Bangu. O Oldemário revelou-se o maior repórter que já vi na minha vida, e eu conheço muito repórter. De Geral, de Política, de Esporte, de ping-pong, do que você quiser. O maior repórter que eu já vi na minha vida chama-se Oldemário Vieira Touguinhó. E só para fazer uma gracinha, é até melhor do que eu. [risos] É uma palhaçada minha, mas sem palhaçada nada tem graça. Oldemário não falava língua alguma, mal falava o português, mas não tinha problema para ele em lugar nenhum do mundo. Pequena história dele: ele estava na antiga União Soviética cobrindo uma excursão da Seleção Brasileira, na antiga Stalingrado, não sei se voltou a ser Stalingrado, a seleção jogou e ia voltar para Moscou. Ele vinha de trem naquelas cabines de 4 sujeitos, dois soldados ali, um soldado ao lado dele. Deu fome, ele levantou e foi no carro restaurante, mas era uma confusão, uma falação danada, sujeito falando russo, e ele pensou: "estou lascado, os caras que falam russo não se entendem, como é que vão me entender". Grande amigo de Pelé, compadre do Pelé, andava na bolsa com uma porção de fotos do Pelé autografadas. Voltou, sentou lá e os soldados começam a puxar lá dos seus bordéus uns sanduíches de arenque formidáveis. Um come, outro come e aí é que a fome do Oldemário cresceu, e ele não teve dúvida, pegou uma foto do Pelé e passou na cara do sujeito que estava ao lado dele. O cara virou para outro russo e falou algo que terminava em Pelé. Aí ele disse: "Pelé? Amigo, amigo" (batendo no peito). Deu uma foto para cada soldado, e como eles tinham que retribuir de alguma maneira, deram o sanduíche de arenque para ele. Não tem mistério, ele resolve qualquer problema do mundo. Uma vez o Arthur Paraíba estava cobrindo, em 59, talvez, o Brasil tinha sido campeão em 58 e estava jogando o sul-americano em Buenos Aires. Aí, o Arthur Paraíba manda pedir mais filme. Eu cheguei para o Oldemário, isso foi bem no início dele, o negócio da União Soviética foi depois, eu disse: "Oldemário, tem um avião que sai daqui 8 horas da manhã, que vai para Buenos Aires, você pega esse envelope, dá ao comandante e pede para levar para Buenos Aires para o Arthur Paraíba. Isso era muito comum, esse negócio dos comandantes da aviação brasileira levarem material jornalístico. Oldemário, diga-se de passagem, jamais assistiu os primeiros dez minutos de partida alguma na vida, sempre chegou 10 minutos atrasado. Ele pegou o ônibus para ir para o Galeão antigo, puxou cinco mil réis, sei lá o quê, e disse para o motorista: "preciso chegar no Galeão às tantas horas, tá aqui dez pratas". O motorista não parou para mais ninguém. Chegou lá, naquele tempo o Galeão era aberto, você via a pista, perguntou pelo vôo e apontaram para pista, já tinha fechado a porta e estava começando a rodar o motor. Oldemário pulou por cima do balcão, foi para o meio

da pista e ficou assim [fazendo gestos] na frente do piloto. Aí, abriram a porta para ver o que estava se passando e ele disse: "por favor, entregue isso aqui ao Arthur Paraíba". Entregou ao comandante e saiu correndo para não ser preso. Esse era o melhor repórter que eu conheci.

Voltando para mim. Eu fiquei no Esporte, me botaram para ser o pauteiro. Eu acredito que essa entidade do pauteiro, que era muito importante no jornalismo, hoje não porque cada editoria a sua pauta, naquela época, era muito centrada, eu fui ser pauteiro e chefe do Esporte. O chefe de reportagem era o falecido Araújo Netto, e eu era o pauteiro e o pauteiro distribuía as missões. Às nove horas da manhã ele distribuía as missões e tal até que chegasse o chefe da reportagem por volta das 11 horas, meio-dia. Eu fui ser o pauteiro, mas também fazia umas gracinhas. Gozava um, gozava outro, porque, como eu disse ainda há pouco, tem que ter brincadeira, senão o trabalho é muito chato. Trabalho é castigo de Deus, trabalho não é coisa boa, a gente trabalha porque tem que viver. [risos] Eu fazia a pauta e aí o Dr. Brito resolveu publicar a pauta. Não, o Reynaldo Jardim, que fazia o Caderno B, disse: "Lemos, vamos publicar a pauta, tira as coisas internas, faz uma adaptação". Aí eu fazia um sessão chamada 'Na Pauta'. Eram os assuntos do dia e tirava a molecagem interna, mas fazia a molecagem externa. O Dr. Brito um dia passou na redação e disse que tinha mandado acabar com a minha coluna e você sabe por quê, não é? Saiu sete dias. Naquela época, o Brasil estava comprando porta-aviões e havia uma grande disputa entre a Aeronáutica e a Marinha para ver quem era o dono do porta-avião eu gozava a Aeronáutica e a Marinha. Eu tinha que sair, não dava para ficar ali fazendo gracinha com uma coisa tão importante para os destinos da pátria. A coluna acabou. Eu fiquei pauteiro, sub-chefe da reportagem, aí o Araújo foi para a Itália, foi correspondente do JB na Itália durante muitos anos. Uma filha dele hoje em dia é correspondente do Globo lá na Itália, a Vera. Aí eu fiquei como chefe da reportagem, acumulando com o Esporte. Voltando atrás: o Amílcar vivia pregando que em jornal só o que interessa é letra, todo o resto não interessa, e jornal se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo. Tirando aqueles enfeites que tinham os jornais antigos, mas o fio permanecia, o fio separando as colunas. Também era assim a regra; era uma, duas, quatro colunas. Uma coluna que começasse assim [faz gesto explicando] todas as notícias tinham que estar ali, uma notícia não saía para o lado de lá, se desciam duas, descia tudo em duas. Aí o Newton Carlos, que era editor de Internacional, fez o que eu chamo a horizontalização da verticalização, ele fez na página internacional, embaixo no rodapé, uns dez centímetros ele fazia ali naquela faixa horizontal, o princípio da verticalização. Eu estou lá no Esporte e o Esporte fazendo sucesso e quem ganhava o grande mérito era o Jânio de Freitas. O Jânio

tinha mérito, mas eu também tinha. Mas o Jânio era mais antigo na profissão, mais conhecido. Um dia o Jânio estava doente, não iria trabalhar três dias. Lembrei o que houve com o Jânio: ele fez assim com o braço [gesto] e o ventilador pegou o braço e deu um corte no cotovelo, ele ia ficar uns cinco dias sem poder trabalhar. Aí eu digo: "hoje eu vou fazer uma aqui para mostrar que não é só o Jânio não, que eu faço das minhas". O Amílcar vivia pregando que tinha que acabar com o fio. Um dia eu fechei o jornal e fui lá embaixo na oficina e disse para o chefe da oficina: "Olha aqui, o Esporte vai sair sem fio, você abre a medida e em vez de uma paica, duas picas e tira os fios. Rapaz, eu é que mando na parte de Esporte, vai sair sem fio". Saiu sem fio e ficou lindo. Fio não tem nenhuma função, a única coisa que tem função em jornal é letra, palavra, o resto não interessa. Quando eu cheguei no jornal disseram que o Odylo queria falar comigo e estava uma fera comigo. Cheguei lá e perguntei: "Odylo você quer falar comigo?" "Quem mandou tirar os fios do Esporte?" "Eu" "Como, você manda no jornal?" "Na parte de Esporte, eu mando e tirei os fios." "Você não pode fazer isso sem me avisar, como você faz um negócio desse?! É um absurdo." "Está feito." "Quero dizer o seguinte: ficou ótimo, vou mandar tirar o fio de todo o resto do jornal". Como pregava o Amilcar, não é invenção minha não, é do Amilcar. Então ficou tudo resolvido. Fiquei no JB anos e anos, de pauteiro a chefe de redação e o Dines em cima, depois vinha um tripé de executivos: Eu, o (Sérgio) Noronha e o (José) Silveira e o diagramador da primeira era o José Carlos Avelar, o Felefi, chamava Felefi porque era oriundo da Faculdade Nacional de Filosofia, hoje é cineasta, crítico de cinema. Eu acho que o que eu mais me diverti na vida foi fazendo a primeira página com o Felefi. Nós íamos para uma salinha que tinha, eu colecionava as matérias, o resumo das matérias que eu queria na primeira, foto, e nós fizemos umas das melhores primeiras páginas da imprensa mundial e não é banca de brasileiro metido a besta não, o JB me mandou fazer um curso na Universidade de Columbia sobre o uso da fotografia e apresentação gráfica dos jornais e eu fui. Gente do mundo inteiro e tal e o coordenador do curso era um um ítalo americano cheia da banca. Eu ouvindo ele fazer a primeira palestra, acabou e ele disse: "alguma pergunta?" Resolvi mostrar para ele que ele era bom, mas que no Brasil tinha uns moleques safadinhos também. Eu digo: "Carlos Lemos, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil." Ele disse: "Antes de você fazer a sua pergunta quero dizer que eu conheço muito bem o seu jornal, não entendo uma única palavra do que está escrito mas ele certamente é um dos três melhores do mundo em uso da fotografia e apresentação gráfica". Bom, aí já dava para gente conversar e depois ele me chamou dois anos seguidos para ser professor lá no curso. Era um ano sim e outro não. Uma vez em Buenos Aires, outro em Nova Iorque. Fez-se ali um dos mais portentosos jornais do mundo sob qualquer ponto

vista. Não só da apresentação gráfica e do uso da fotografia como da redação. Era um time todo de primeira, primeira classe, ali não tinha ninguém ruim, e tudo moleque. Tinha uma repórter muito bonita, era a Marilea, ela cobria Justiça, bonita, loura e tinha um repórter pequenininho, o Barthô, era um repórter de polícia que era louco, alucinado por ela. Um dia ela vai saindo e o Barthô levava a pasta dela até lá embaixo, aí vira o Noronha, o Noronha diz que foi o Silveira, o Silveira diz que foi o Noronha, mas acho que foi o Noronha: "Lá vai Mariléa e o seu único anão". Era um jornal... Eu fui da comissão técnica da Seleção Brasileira, anos depois, como assessor de imprensa com Vanderlei Luxemburgo, fui do Leão em caráter deletério, e fui do Felipão, e eu aprendi uma coisa: ninguém entende melhor de futebol, ninguém sabe ver melhor futebol, ninguém sabe mexer melhor num time de futebol do que Vanderlei Luxemburgo. Não tem igual, ele é fora de série. Ele é complicado mas é o melhor. Eu ouvia falar muito do grupo, o grupo, o grupo e isso ninguém faz melhor do que o Felipão, ele une o grupo, forma uma equipe que as pessoas se ajudam, fora de série nisso, Vanderlei é melhor técnico que ele mas ele é um agregador, ele sabe fazer o grupo. O Jornal do Brasil era o grupo, que as pessoas se ajudavam e tinham uns repórteres mentirosos também. Teve um, depois ele foi até presidente do sindicato, aquele navio Madalena do Capitão Galvão, que se rebelou contra Salazar e seqüestrou o navio. O navio estava vindo para o Brasil e eu mandei o Machado cobrir esse negócio. O Zé Machado foi e mandou telegrama de dentro do navio. Digo: "Pô, como é que o Machado fez isso? Ele chegou de volta e perguntei como foi, como ele tinha entrado no navio. Ele disse: "Aluguei um barquinho, quando estava se aproximando eu me joguei na água e estava como naufrago e com essa mão eu nadava e com a outra me defendia das piranhas". Piranha no meio do Oceano Atlântico! [risos] "Pararam e me botaram no navio e eu fiz a matéria". Mentia que só um desgraçado. Mário Lucio Frank, outro mentiroso, era um excelente repórter, mas você tinha que fiscalizar a matéria dele, porque de repente ele passava um cabo. Noronha era um terror nisso, mostrava aquilo que não dava para engulir. Quando era uma coisa que não prejudicava ninguém e era engraçado eu deixava e o Noronha reclamava. Ele inventou que tinha um gavião comendo os pombos lá na Cinelândia, era o gavião da Cinelândia. Isso não prejudicava ninguém, ninguém iria perder nada e era engraçadíssimo. Ficava o povo vendo o gavião, dava suite, mandava fotógrafo. [risos] Eu deixava passar, sabia que era mentira dele, mas não prejudicava ninguém.

O Jornal do Brasil ganhou um canal de televisão, em 1973, 74, e me mandou para Londres para estudar televisão e fazer um estágio na BBC. Fiquei lá 11 meses aprendendo televisão e tal, fiz estágio na BBC, voltei. O JB mandou para lá a mim,

dois arquitetos, e contratou para ser a grande diretoria da televisão Joana Spicer, uma velhinha muito elétrica, que tinha sido uma das superintendentes da BBC. Lá nós trabalhávamos no projeto, começamos a desenvolver, eu voltei e pouco depois ela veio ao Brasil, os arquitetos voltaram também quando eu voltei para ela desenvolver aqui. Eu sou um carioca fanático, sou fanático pelo Rio de Janeiro e era o cicerone dela aqui no Rio e nós saímos algumas vezes para mostrar a cidade e outras vezes para ela escolher lugares onde se botaria antena. Um dia ela está no carro comigo e diz assim: "Vocês fazem tudo para estragar essa cidade, mas vocês não conseguem, essa cidade é bonita demais". Aí o que se passou, ela projetou a TV JB com a cabeça de BBC, uma emissora do Estado em que cada televisão que você comprar na Inglaterra você paga uma taxa à BBC e todo ano tem que pagar um impostinho lá para a BBC. Ora, a BBC tinha não sei quantos mil estúdios, um teatro levava quatro cinco dias ensaiando, dinheiro fácil, luz, câmera, tudo isso custava dinheiro e ela fez com a cabeça de BBC e veio aquele negócio do pré-projeto dela. O Dr. Brito queria fazer uma coisa diferente, não queria fazer uma TV em estilo americano, que é a TV Globo. Não tem hora de ensaio, o cara leva o texto para casa e tem que decorar e pau na máquina porque é aqui mesmo que tem que resolver isso. O Dr. Brito devolveu o canal. Foi a primeira vez que o Jornal do Brasil teve canal de televisão, teve duas vezes. Devolveu o canal ao governo, foi erro de previsão de como fazer uma televisão no Rio de Janeiro, devolveu por razões econômicas, não teve nada a ver com a ditadura militar. Os arquitetos voltaram para os seus escritórios e sobrei eu. Dona Joana Spicer voltou para Inglaterra, onde ganhava muito bem como aposentadinha. Lá aposentadoria não é como INPS. Sobrei eu e o Dr Brito disse: "Você vai dirigir a Rádio". Era a Rádio JB AM e JB FM, em 1975, por aí.

Ainda na época da reforma do JB, qual foi o impacto dela sobre os outros jornais?

Era tudo deslumbrado e começou todo mundo a seguir a trilha. A Folha em São Paulo, o Estadão, que era mais resistente e tal. A repercussão fora [do Brasil]... se eu disser que o Washington Post é uma cópia do JB, não estou mentindo não. Quando o Washington Post fez uma reforma, a base da reforma era o Jornal do Brasil, que era o Amílcar de Castro, em última análise, era o gráfico que pesava. A repercussão dele foi grande dentro e fora do Brasil.

Como era a atuação da Condessa e do Nascimento Brito ao longo da reforma?

A Condessa ela só tem uma importância: ela era dona do jornal. O Nascimento Brito era o genro dela. Ele fazia o jornal e ela era o carro-chefe, representava nas solenidades e tal, ação executiva ela não tinha. Teve uma ação executiva importante: um dia, um sábado, se fazia o jornal para o domingo, o último domingo antes do Natal. É o jornal que mais anúncio tem, porque é o domingo antes do Natal. Aí o Sette Câmara, então diretor do JB, que tinha sido embaixador, foi preso no sábado e ela foi comunicada e disse: "O jornal não circula manhã, enquanto o Sette estiver preso, o jornal não circula". Ora, não circular um jornal que é uma mina de faturamento é uma decisão valente, uma grande decisão executiva da Condessa foi essa. O Sette foi solto no dia seguinte e o jornal saiu na segunda-feira e os anunciantes mantiveram todos os anúncios, numa posição de solidariedade.

Quando a reforma do JB começou, eles tinham uma noção clara do que seria essa modernização ou as coisas foram acontecendo?

O Jornal do Brasil era conhecido como o "jornal das cozinheiras", com classificados de cabo a rabo. Tinha uma primeira página com um pedacinho com notícia internacional e o resto era tudo classificado. Lá dentro era uma paginazinha de local, outra de telegrama de agência e tal. A Condessa disse: "Maneco (o genro dela) precisamos reformar esse jornal". E aí é que começa a ser modificado, tirando os anúncios, formando a equipe que já contei, Amilcar, Jânio... Os classificados da primeira página foram saindo aos poucos até ficar apenas o "L" (uma vez eu tirei o "L"), e assim se fez um dos maiores jornais do mundo. Aos pouquinhos os classificados foram lá para um caderno especial, que todos os jornais têm hoje. Sendo que o filé mignon do jornalismo impresso é anúncio de classificados, a não ser nas grandes corretoras, você vai botar o classificado, você paga adiantado, o recibo é precário e aquilo entra no jornal aos borbotões que no fim vira tudo "caixa dois". O grande anúncio, esse é legal, o pequeno anúncio, é "caixa dois", posso estar exagerando mas mantenho o exagero. É caixa dois.

Por que o Odylo sai do jornal em 1958?

Não sei, se sabia, esqueci.

O que muda com a saída dele e entrada do Dines?

Basicamente não muda muito não. O Odylo era um intelectual, um acadêmico. O Dines não, o Dines é um jornalista de alma de jornalista e tal. A troca não muda

grandes coisas não, um pouco mais de jornalismo mesmo com o Dines, mas nada grave, nada substancial.

Você fez uma viagem a Cuba em 1959 pelo jornal, não foi?

Entrevistei Ernesto Che Guevara. Eu era repórter do Jornal do Brasil. Fidel ocupou Havana no dia 1º de janeiro, aí foi um escândalo mundial os fuzilamentos... o JB me manda ir para lá, não fui eu só não, foram vários jornalistas brasileiros. Eu sei que 20 de janeiro no Rio de Janeiro é feriado e eu precisava comprar para o passaporte a antiga estampilha, e só encontrei estampilha de cinco reais e precisava de estampilha de seis reais e fiquei com o meu passaporte cheio de estampilha. Aí fui para Cuba e chegamos lá, fazia conexão em Miami, chegou em Havana e ninguém na rua não se via uma alma, eu digo: "Ih, o negócio aqui está feio mesmo, é o terror". Cheguei no Hotel Havana Riviera que depois virou Havana Livre, e o sujeito da portaria me pergunta se eu não ia ao comício da confirmação. Perguntei: "Quando é?" Ele disse: "Está acontecendo". Larguei minhas malas no quarto e me toquei para lá. Tem uma música que diz: do Passeio ao Malecon, a população inteira estava lá. Ocupava do Passeio ao Malecon e o Fidel lá falando, muito, aliás, como sempre. E aí foi uma das coisas mais emocionantes que já vi na minha vida, Fidel pergunta: "quem quer que os sujeitos sejam fuzilados?"... o pessoal do Batista, os policiais, coisa e tal, e a multidão levanta a mão e grita: "que los matem!, que los matem!, que los matem!". Um milhão de pessoas gritando. Acabou o comício e tinha jornalista do mundo inteiro e Fidel Castro deu uma coletiva, falou por 4 horas. No dia seguinte, acho que fomos o Jânio, o Araújo e eu, tentar entrevistar o Che Guevara. Fomos lá onde era, ele foi primeiro ministro da Economia, tem até a piada: estava formando o governo e o Fidel perguntou quem entendia de economia e o Che Guevara levantou o braço e virou ministro da Economia. Depois Fidel perguntou se ele entendia de economia e ele diz que não, que pensou que era outra coisa [risos]. Fomos lá e Guevara nos recebeu em pé, éramos três, acho que Araújo, Jânio e eu. Nós começamos a fazer umas perguntas e ele respondendo seco, porque ele era um homem seco, o que tinha o Fidel de verborrágico, ele tinha de seco, muito objetivo. Ficou uns 45 minutos respondendo às nossas perguntas e aí disse: "agora vocês vão embora porque eu tenho que trabalhar". Esse foi meu encontro com Ernesto Che Guevara. Outro que eu gostei de ter entrevistado foi o Martin Luther King. Quando houve aquela grande rebelião dos negros e ele pregava a paz, o Jornal do Brasil me mandou para os Estados Unidos. Aí tinha o H. Rap Brown, o movimento dele era Estudantes para a Democracia [na verdade: Student Nonviolent Coordinating Committee]. Ele era uma fera, o cão. Eu fiz lá os contatos e disse que queria entrevistar o H. Rap Brown e o

cara disse assim: "você vai no bar tal, às tantas horas, senta no bar, pede uma Coca Cola e espera". Era no Harlem. Eu pego um táxi e digo onde queria ir e o taxista disse "não", peguei um segundo táxi e "não" de novo. Digo: Bom, só tem um jeito, é pegar um táxi de motorista negro. Veio um cara e olhou para mim e disse que era muito perigoso, perguntou se eu queria ir lá mesmo e eu disse "quero". Eu tinha combinado, estava assim com os homens [risos]. Entrei no tal bar, sentei, era uma espeluncazinha, boteco mesmo dos brabos, pedi uma Coca Cola, o cara me serviu e perguntou: "você é o jornalista brasileiro?". "Sou". "Entra naquela salinha e espera". Era um porta com aquelas cortininhas e tal, eu entrei, aí pouco depois por uma outra porta entra o H. Rap Brown, que eu entrevistei. Esse era o da pesada mesmo e eu estava querendo ouvir um moderado, que era o Martin Luther King. Disseram: "olha, ele vai fazer uma série de comícios aqui em Nova Jersey e ele não vai parar para entrevista, porque ele tem o dia inteiro ocupado, mas nós botamos você com ele no carro e entre um comício e outro você conversa com ele". Eu digo: "está bom demais". Era o motorista, o guarda-costas, ele e eu no carro, eu conversando com ele, parava ele ia fazer o comício, eu ficava vendo, tomando umas notas e tal, ele entrava no carro e assim passamos o dia. O vôo dele era às sete horas da noite para Denver, Colorado, acho que era terra natal dele – sem certeza – cinco para às sete acaba o comício e o motorista sai a 400 por hora, chegamos no aeroporto, eu salto com ele, ele sai correndo e aí a mocinha diz para ele que ele perdeu o avião, que já estava taxecendo. Vem de lá o gerente, sai lá de dentro da casinha e pergunta o que se passava, ela diz: "esse senhor perdeu o avião". Ele olhou e conheceu e diz: "This is a very important man", "este é um homem muito importante", e pegou o telefone ligou para a torre e mandou o avião voltar e ele foi. Foi bonito mesmo. Eu gostei disso.

O verdadeiro jornalista é o repórter, sem repórter não existe nada, o resto é tudo adereço de mão, chefe, tudo é adereço de mão, o importante é o repórter. Emocionante por exemplo, quando abriram a Transamazônica, de terra, hoje acho até que fechou já. Eu fui sair de Altamira e saí com um jipe, um engenheiro e o Alberto Ferreira, fotógrafo que já morreu. Tinha umas famílias que estavam fazendo um assentamento e levaram os jornalistas para lá, a gente parava ouvia e tal, fomos andando e vimos uma mulher cercada de criancinhas. Paramos e fomos lá e falei com ela: "Você é professora aqui?" Ela disse: "É o jeito, eu sou das únicas pessoas que sabe gramática e estou aqui dando aula para essas crianças, o resto todo é analfabeto". Eu fiquei tão emocionado e quando voltei para o Rio mandei dezenas de livros para ela, não sei se ela recebeu. Você ouvia o silêncio da selva, é uma coisa impressionante o silêncio da selva, de vez em quando um pássaro, um bicho espreguiçando uma coisa fantástica. O que eu mais gostei foi ser repórter a

vida inteira, é repórter o que eu gosto, o que eu sei fazer, não me peça para escrever um artigo que eu não sei, eu sei fazer reportagem. É só o que eu sei fazer.

Lemos, quando você vai fazer essa reportagem sobre a Transamazônica já estávamos no regime militar. Numa matéria dessas, que tratava de um assunto tão caro aos militares, era possível ter uma visão crítica?

Era, se você falava com cuidado dava para ter visão crítica. A ditadura rendeu algumas histórias interessantes. Por exemplo, a ordem da direção era obedecer toda ordem da censura. Eu tenho lá em casa até hoje o livrinho dessa grossura assim com todas as ordens que foram passadas, todas. De vez em quando às 7 horas da manhã ligavam para minha casa: "Aqui é da Polícia Federal, o inspetor Sena quer que o senhor esteja aqui às 10 horas". Aí eu ia às 10 horas para lá e ficava sentado numa sala de espera, ficava até quatro horas da tarde esperando. Não fui preso, não sou herói da liberdade não, mas me encheram muito o saco. Ficava lá esperando e depois me mandava entrar e perguntava: "como o senhor publicou essa história?" "Não teve proibição. Se não foi proibido, nós publicamos. O que é proibido nós não publicamos, mas o que não é nós publicamos, seja o que for". Aí ele começava a me dar uma aula sobre a responsabilidade do jornalista. E eu tendo que aturar isso. Perdia meu dia. Fui uma, duas, três vezes, no fim da terceira eu fui lá para o Dr. Brito e disse: "Se me chamarem eu não vou mais, não estou para ser humilhado por um inspetor de polícia, não tenho nada contra inspetor de polícia, mas ele não pode me humilhar, esse direito ele não tem". Acho que o Dr. Brito falou lá com as autoridades competentes e tal e me disse que eu não precisava ir mais, se me chamassem era para avisar a ele que ele iria. Eu sei que nunca mais me chamaram. Eu não sou herói da liberdade, não fui preso, mas sofri constrangimentos. Muita gente que é herói da liberdade não é, mas isso é outra história, eu não sou dedo-duro. Eu não sou! Eu fui constrangido pela ditadura. Teve um dia interessante. Fechando o jornal, entra na minha sala um inspetor de polícia: "Sr. Carlos Lemos?" "Sim senhor" "O senhor assina essa ordem aqui?" "O que é?" "É proibido fazer sensacionalismo com o caso Salvador Allende". Eu digo: "Olha aqui, esse jornal não é sensacionalista, nós não fazemos sensacionalismo, se o senhor me explicar o que é sensacionalismo eu obedeco mas sem me explicar não posso lhe obedecer" Aí ficava o Noronha entrando na sala, o Feneffi, cada hora vinha um, Dr Brito estava viajando, ligaram para o Bernard Campos, que era o segundo dele. Ele disse: "o senhor dá licença para dar um telefonema". Naquele tempo não tinha celular. Ele liga para outro e diz: "o rapaz está dizendo que não sabe o que é sensacionalismo, eu vou ter que explicar e eu não sei explicar o que é sensacionalismo". Do outro lado disseram qualquer coisa e

ele diz para mim: "não pode dar manchete" "Ah, agora eu sei, agora tudo bem. Chamei o Fenefi e o José Carlos Avelar para redesenhar essa página. No intervalo chegou o Caderno B e eu avisei: "o senhor me defina logo porque já começou a rodar, são milhões de cruzeiros aqui, a máquina está rodando se tiver sensacionalismo aí...". A capa do B já era com Allende. Chegou o Fenefi e eu disse para fazer sem manchete. Chega o Bernard, o Otto Lara Rezende e o Dines. Chegaram os três. Eu disse o que se passou e que não podia dar manchete. O Dines reafirmou que não era para dar manchete. Vou fazer sem manchete, eu disse. E fiz uma página sem manchete que era uma porrada. Mandei compor em corpo 18. Virei para o Dines e disse: "Vai ficar mais violento do que sem manchete, vai ser uma porrada". "Ele não disse que era para dar sem manchete, vai em frente". Eu fui. Saiu uma página que ficou um espetáculo. O meu pai, que não era jornalista e não entendia nada desse negócio, me liga e diz assim: "Ô Carlos, porra a censura passou brabo aí ontem, que página que vocês fizeram!" A gente tem que dançar conforme a música, toca samba eu danço samba, toca rumba eu danço rumba.

Essa página não irritou os militares?

Deve ter irritado. Uma página que nós fizemos no dia do AI-5 é uma página cantada em prosa e verso até hoje. Saiu o AI-5 às 8 horas da noite, na Hora do Brasil. Daqui a pouco chegam dois oficiais, acho que era uma sexta-feira, é, foi sexta-feira 13, chegam os dois oficiais, o Dines chega também e eles queriam ver todas as páginas. E começou: "isso aqui não pode". "Então vou deixar em branco". "Branco não pode". "Aí, bota classificados". Então, na primeira página tem um quadrado assim de classificados. A foto era o Costa e Silva, foi ele que fez o AI-5, a foto da primeira. Dentro, o editorial foi brecado e veio o Oldemário: "Lemos, encontrei uma foto que vai ficar um espetáculo para você botar". Tinha um belga campeão de judô grande para burro e um pequenininho derrubando o grandão. No lugar do editorial. Era a violência que estava sendo feita. Mostrei para o Dines e ele aprovou. O dia 13 é dia de Santa Luzia, tinha dois olhinhos na primeira página, e eu fiz essa chamadinha: "Ontem foi dia dos cegos". E o Dines fez a outra: "ventos terríveis sobre o Brasil e tal". Também de má fé. Tudo assinado pelos censores, três horas da manhã roda o jornal. No dia seguinte, nove da manhã, vou para lá, chego lá e vou para a sala do Liwal Salles, que era diretor - uma flor de pessoa que morreu no ano passado - e estão os dois milicos lá. Eu entrei e eles: "o senhor nos enganou". "Eu não enganei os senhores, todas as páginas estão assinadas pelos senhores, os senhores é que autorizaram, se alguém se enganou aqui foram os senhores, não fui eu". Eles ficaram quicando e aí mandaram censores

especializados, em vez de oficiais do Exército. É a tal coisa, oficial não foi feito para policiar favela também não. Eles mandaram censores especializados da polícia política, do DOPS, aí a conversa era de profissional. Essa foi uma página boa de fazer. No meio do jornal, de repente, um tijolo de classificados. Essa edição é louvada em prosa e verso por todo mundo. Foi bonito.

Passa a ter censor dentro da redação?

Passou a ter censor especializado, do DOPS, dentro da redação, viam página por página. Ficaram uns 10 dias e depois saíram. Acho que eles ficaram mais tempo foi no Estadão, lá em São Paulo que eles ficaram mais tempo. Tinha as normas, o tal inspetor Sena ligava e dizia não pode isso, não pode aquilo. Eu tenho o livrinho lá em casa. Outra capa bonita, mas essa não foi por causa de censura não. No governo do Negrão de Lima teve duas grandes enchentes. Engraçado que eu moro hoje, há mais de 20 anos, no prédio onde era a casa do Negrão, ali na Lagoa, na Borges de Medeiros. No primeiro dia de enchente começaram a chegar umas fotos e resolvemos mudar a primeira, aí botamos na primeira as fotos clássicas, sujeito com água pela cintura, um carro coberto, fotos clássicas de enchente. Continuou a chuva, toca a chover, toca a chover. O jornal saiu. No dia seguinte, os fotógrafos todos na rua, um morava ali no Catete e foi trabalhar a pé. Eu olhei as fotos e tudo a gente já tinha dado e aquelas fotos todas passando na minha mão. Aí, tinha uma foto do falecido José Antônio Castilhos de Moraes, duas negras, uma com a mão no ombro da outra e com um ar de terror, meio aparvalhado. Tinha barraco desabando no jornal da véspera. Resolvi dar ela na primeira, porque as outras eu já tinha dado tudo, os outros jornais iriam sair com barraco, carro, a água na cintura e resolvi dar a foto ocupando as oito colunas, baixei o 'elezinho' para baixo ocupando as oito colunas. Cheguei no copidesque e disse assim: "ganha uma semana de folga quem der o título para essa foto, é a foto da primeira". Tinha um títulinho no JB que era um dos grandes charmes do Jornal do Brasil. Aí o Sergio Noronha, que não sei se já era o chefe do copidesque ou se era apenas copi, ele veio com "Um dia de enlouquecer". Saiu bonito!

Lemos, a gente está falando sobre o início da ditadura, a censura no JB... O que muda com o AI-5?

A censura torna-se mais rigorosa, mais dura, o AI-5 endurece tudo. Ele fecha o Congresso. Quer uma historinha boa? Eu morava naquela época em Botafogo, numa rua que corta a Voluntários. O José Silveira, que era o encarregado da paginação, compra o seu primeiro automóvel e sai de automóvel com a mulher para dar uma volta. Naquela época não tinha ponte e você tinha que atravessar na

barcaça ou dava a volta. Nessa volta ele tem um desastre e morre a mulher dele no desastre e ele quebra o quadril. Aí telefonaram de lá e peguei o helicóptero e fomos para lá para trazer. Trouxemos o Silveira e o corpo dela acho que veio de ambulância, e o Silveira foi para essa rua onde eu morava, para o Hospital São Lucas. Na esquina da Visconde de Caravelas com a rua que eu morava tinha um boteco. E o Silveira desesperado com a morte da mulher, sentimento de culpa e tal, um dia se joga da cama. Passamos a fazer um revezamento no Jornal do Brasil para ficar com ele no quarto. Cada dia ficava um. Um dia fiquei eu e quando amanhece o dia eu saio e vou a pé para minha casa, a minha ex-mulher, a única que eu tive, vem tomar um café comigo ali no botequim da esquina. Eu vejo lá. Quem vem pela Visconde de Caravelas? O Gabeira. Pensei: o Gabeira mora no Leblon, o que ele está fazendo aqui a essa hora? Ele nos viu, cumprimentou e perguntei o que ele estava fazendo e ele disse que tinha dormido na casa de uma amiga e estava indo para casa. Mas sabe quando te dá um grilo? Achei que a história estava mal contada. Ele era na época chefe da Pesquisa. Dois dias depois, ele chega e diz: "Lemos, eu quero pedir demissão da Pesquisa". "Por que? Você está prestigiado, é bom para cacete, fez uma Pesquisa formidável, qual é atua?" "Quero mudar de ramo, mudar de vida" "Então está bem. Você quer, vai. Eu pago como se você estivesse demitido para receber a indenização." Ele estava aprontando o percurso do carro do embaixador americano, porque a embaixada era ali na São Clemente e ele estava explorando todos os caminhos possíveis e imagináveis para seqüestrar o embaixador. Era isso que ele estava fazendo ali naquela hora da manhã. Aí seqüestram o embaixador e todos os comunicados iam para o Jornal do Brasil: "Apanhar o comunicado na Igreja não sei de que embaixo do quarto banco". Como todo comunicado ia para lá, um sábado, a Avenida Rio Branco ficou lotada de carros de jornal esperando o carro do JB sair para ir atrás. Tinha um comunicado, era o comunicado da soltura, ia ser solto no dia seguinte. Era um domingo. Aquela pracinha que tem na saída do Túnel Novo assim à direita, disseram que estava embaixo do banco. Teria uma pessoal lendo o jornal no banco e quando o carro se aproximasse iria levantar e estaria debaixo do banco. Chamei um repórter e um fotógrafo e mandei entrar no carro e sair a toda velocidade para todo mundo sair atrás deles. Dito e feito, saíram a toda velocidade e todos atrás. Eu descii, peguei meu carro com Alberto Ferreira e cheguei na pracinha, estacionei e no que eu fui me aproximando o sujeito saiu e eu apanhei o comunicado da soltura. Era um domingo e tinha Fla-Flu no Maracanã. E aí tem a história, que é real, a polícia já tinha localizado onde estava o embaixador, era naquela Almirante Alexandrino, em Santa Teresa, que é um bairro que tem muita descida e descem lado a lado o carro da polícia com aqueles fuzis, aquelas metralhadoras para o lado

de fora e o carro dos seqüestradores também lado a lado com suas metralhadoras do lado de fora e com embaixador no fundo do carro. Ninguém podia atirar em ninguém porque o embaixador estava ali. Na saída do Fla-Flu, numa daquelas ruas, o carro dos seqüestradores se desvia, abre a porta e solta o embaixador no meio da multidão e eles seguem embora. O embaixador consegue pegar um táxi e vai para a embaixada onde nós estávamos na porta esperando ele chegar. Passa o tempo e a polícia está atrás do Gabeira, poucos dias, estou em casa e toca a campainha e é uma mocinha e diz: "Sr. Carlos Lemos, aqui, um amigo seu pediu para o senhor descontar esse cheque". Um cheque assinado em branco. Era o cheque do Gabeira, que eu tenho até hoje, assinado Fernando Gabeira, para descontar tudo que ele tivesse no banco, antigamente Banco Nacional, ali na Gonçalves Dias, por trás do JB, onde fazia o pagamento. Eu disse: "Esse Gabeira é maluco! Se eu vou lá descontar esse cheque eu estou em cana na hora!" Eu tenho esse cheque até hoje e já mostrei a ele: "olha aqui a fria que tu queria me meter". E assim se faz o jornalismo. Anos depois ele foi exilado, mandando para um país africano e de lá foi pra Roma. Não, ele esteve na Suécia primeiro e foi motorneiro de metrô e acumulava com porteiro noturno de um hotel. De noite eu ligava para o hotel dele e ele atendia. Quando houve a anistia eu liguei e disse: "Vem agora, porque você sendo o primeiro a chegar vai ser um sucesso. Depois segundo ou terceiro nenhum jornal vai dar confiança para isso. Faz a mala de mão e se manda o Brasil". E dito e feito. Ele foi o primeiro que chegou e foi tomar banho com as calcinhas da prima dele, a Leda Nagle, lá no Arpoador, aquela calcinha de crochê que foi aquele sucesso. Outro dia eu estive com ele, fui comer uma pizza e ele estava lá, grande sujeito.

Lemos, aumenta o número de censores na redação depois do AI-5?

Botaram censores profissionais, dois.

Como era o convívio com esses censores?

Cordial. "Bom dia, boa noite". Nenhum desafio e nenhum desacato. O que não era proibido nós dávamos, algumas coisas muito discretamente, porque sabíamos que ia dar bode. É aí que o inspetor Sena começa a me chamar.

Qual a avaliação que você faz da relação entre o JB e o governo militar?

Nenhuma. O Jornal do Brasil não serviu ao governo militar em momento algum. Obedeceu às regras da censura. Tem uma historia do Dr. Roberto Marinho que alguém já deve ter contado aqui: o governo militar chama os donos de jornal para uma reunião dizendo que os jornais estavam infiltrados de comunistas e era bom

demitir-los. O Dr. Roberto Marinho se levanta e diz o seguinte: "o senhor cuida dos seus comunistas porque dos meus comunistas cuido eu, e eu não vou demitir ninguém." Posição que o Jornal do Brasil também teve. Ninguém foi demitido. Nesse dia desci e fui no gabinete da Condessa dizer que tinha esse problema e ela disse: "Meu filho, ninguém vai ser demitido aqui neste jornal, fique tranquilo". Fui no gabinete do Dr. Brito e ele disse que ninguém saía. Alguns saíram porque tiveram que fugir, mas saíram porque quiseram e estavam sendo perseguidos. Martha Alencar, que saiu com passaporte legal, mas ela estava no olho, era da linha auxiliar, mas não estava na ação direta. Ela foi para Paris, ela e o (Hugo) Carvana depois. Álvaro Caldas, esse foi preso, tem até dois livros sobre essa experiência dele. O meu compadre Marcos de Castro, que é um homem de esquerda, mas não tinha nada a ver com aquilo, foi preso porque na tal Passeata do Cem Mil ele aparece de mão dada na primeira fila, porque eram os jornalistas e os intelectuais como Gabeira e um outro que era da barra pesada, ia entrar na barra pesada, ainda não estava e acho que foi preso, ficou três dias preso, torturado. Sempre tratei os meus presos muito bem. Neguinho era preso e eu ia lá no quartel e deixava para entregar ao preso, era caviar, patê francês, tudo do bom. Está preso, tinha que ser bem tratado.

Em 1973 o Dines é demitido do jornal. Por quê?

Deixa para ele explicar. Eu tenho a minha versão e sei que a minha versão é muito perto da verdade. Não quero falar sobre isso agora.

Você lembra de quando o Marcos Sá Corrêa fez aquelas reportagens sobre a operação Brother Sam?

Eu já não estava mais lá.

Sobre a crise do Jornal do Brasil, em que momento ela começa e o que foi determinante nesse processo?

Primeiro: não foi o prédio da Avenida Brasil 500, ponto. Segundo: como eu disse antes, a mina de ouro dos jornais é o classificado. O Globo, querendo tomar do Jornal do Brasil os classificados fazia o seguinte: você pagava um dia e saía três. Começou a dar vantagem, abatimento. O gerente de classificados do Jornal do Brasil alertou o Dr. Brito. Estou eu falando mal do Dr. Brito, mas era um amigo grande meu. O Dr. Brito mandou deixar isso para lá. Mas ele foi minando e acabou que o JB perdeu os classificados e aí começou a decadência, a decadência começa nesse negócio. Não tem outra explicação não, não foi o prédio. Há um erro na escolha da máquina, escolheram a rotativa quando o moderno era o offset. O

vendedor da máquina, o americano, era grande amigo do Dr. Nascimento Brito. O Dr. Brito era um homem posudo, altão, bonitão, chegava na redação e botava o pé na minha mesa, mas era um homem muito generoso. Uma vez o convidei para jantar na minha casa, ali nessa rua que eu estou esquecendo o nome. Ele, a mulher dele, o Araújo Neto e a mulher e o Bernard Campos, que era o executivo dele, e a mulher. Bernard é até padrinho de uma filha minha, era, porque ele já morreu. No dia seguinte, eu chego no jornal e Dr. Brito disse: "Lemos, magnífico o seu jantar. Comida de primeira, tratamento de primeira, um jantar admirável, mas você não acha aquele apartamento um pouco pequeno para você, você já está com três filhos". Acho que a mulher já estava buchuda do quarto. Eu digo: "eu sei Dr. Brito mas como é que eu vou sair de lá, quando eu puder eu saio, vou comprar um maior assim que eu puder". "Pois escolhe um aí para você, escolhe o que você quer e a gente vê". Eu fiquei contente, cheguei em casa e falei para mulher e começamos a escolher qual era a melhor opção. Dia seguinte eu cheguei lá e falei: "Dr. Brito, o senhor mandou perguntar o que eu quero e eu quero uma casa." Ele disse: "Compre o terreno e faz". Comprei um terreno na rua que não tinha nome, era rua projetada B, lá no alto da Gávea, e eu digo: não vou morar em rua projetada B coisa nenhuma. Era uma rua em curva que tem duas saídas, mandei fazer duas placas com o nome: Rua Sérgio Porto. Meu amigo, eu gosto dele, morreu, vai ser Rua Sérgio Porto e é até hoje. Falei para o Dr. Brito que tinha comprado o terreno e ele mandou construir. Contratei o arquiteto que foi o Cláudio Ceccon, o Claudius o cartunista, ele foi o arquiteto da casa e o assistente dele é um que foi o presidente do sindicato dos arquitetos e tal. O engenheiro José Carlos Moraes, todos estão vivos. Uma casa que eu vou te contar, é A casa. Uma casa que tem para frente a cozinha, grande sala de jantar aqui, sobe dois degraus, uma sala de estar muito boa e atrás uma piscina e um gramado. No segundo andar, três quartos. Eu não quis um quarto para cada um dos 4 filhos, fiz questão de botar as duas meninas num quarto e os dois meninos no outro quarto para aprender a disputar espaço. Na vida você tem que disputar, se você dá um quarto para cada um... tem que disputar espaço. Porrada é que ensina. Um quarto para hóspedes e uma grande suite minha com uma banheira, é uma vergonha, tenho vergonha daquela banheira [risos], uma banheira redonda de mármore, um espetáculo. O escritório com uma estante, uma varanda com uma vista que ia até a Lagoa. Dr. Brito foi uma vez lá ver o terreno. A casa ficou pronta, móveis Oca, isso, aquilo. Fim do mês mandava a fatura para o Jornal do Brasil, pagava na hora, nem passava na minha mão, pagava direto. Aí convidei o Dr. Brito para jantar lá, ele mais não sei quem, e eu mostrei a casa inteira, menos a tal banheira, porque eu tinha vergonha da banheira.

Eu já morava na casa quando o Jornal do Brasil me mandou para a tal negócio de Londres, quando eu voltei - tinham me substituído na chefia da redação e tal - me botaram nas rádios. Era JB AM e JB FM. Dei força no jornalismo da JB AM. Quem dirigia era a Ana Maria (Machado), a imortal hoje em dia, Celso Itiberê era o segundo dela e a rádio Jornal do Brasil era música clássica, essa coisa e tal. Um dia o Dr. Brito disse que queria fazer outra rádio para o público mais jovem. Compramos uma rádio, cuja sede era lá em Niterói, mas é Grande Rio, e você podia ter sede aqui no Rio. Comecei a conversar com os radialistas, era uma época em que estava começando o rock, ou o pré-rock e tal. Eu conversando com aqueles radialistas, um velho radialista, um homem formidável, e os garotos e aí chegamos à conclusão que a rádio ia ser uma rádio toda de improviso. Os sujeitos não iam ler um texto escrito a não ser o jornalismo que é obrigado a dar. Todas as rádios são obrigadas a dar um determinado número de horas de jornalismo, que seria salpicado, não teria um programa jornalístico, o jornalismo seria salpicado pelo noticiário e o resto seria tudo no improviso. Dr. Brito até que deu o nome da rádio: Rádio Cidade. Aí fazíamos o modelo, analisávamos e tal. Quando foi na época da campanha de lançamento, eu fui na McCann Erickson e me perguntaram qual o público que eu queria atingir e eu disse que queria atingir todos. Disseram que eu estava maluco. As rádios daquela época, as Fms, só tocavam aquela música de consultório, toda elas. Quem estava começando a mudar era a Rádio Nacional FM, que só tocava música brasileira. Queria pegar todos os públicos, fazer uma rádio de improviso, jovem, mas vai tocar música antiga. O (Fernando) Veiga que me ensinou, esse velho radialista: "Lemos, temos o programa Piano ao Cair da Tarde, quem disse que ao cair da tarde temos que ouvir piano? Tem gente que quer ouvir piano de manhã, tem que ser meio anárquico, tem tudo a toda hora". Piano não tinha por um acaso, porque a rádio era para um público mais jovem. Tudo de improviso. Na véspera de inaugurar, eu chamo o Dr. Brito para ver como estava a rádio, os caras já em ação. Quando saímos ele disse: "Ô Lemos, você vai se enterrar com essa rádio, viu? Mas não tem perigo não, daqui a um mês você passa aqui no meu escritório que eu vou te ensinar como se faz rádio". Virei para o Veiga e perguntei como é que íamos fazer e ele falou para botar pau na máquina que não tinha perigo. No dia seguinte eu fui para a rádio às 6 horas da manhã para ver e pegava no telefone interno e dizia o que não podia porque era de mau gosto e o que estava bom. Os caras revezavam, cada um tinha um horário. De tarde o Fluminense jogava em Bangu, eu fui assistir o jogo com radinho de pilha, vendo o jogo e ouvindo a Rádio Cidade no radinho de pilha e tomando nota. Acabou o jogo e fui para a rádio dizer o que era bom ou ruim. Eu tinha dito lá na McCann Erickson que eu ia atingir todos os públicos e que em um mês eu seria primeiro lugar de

audiência. Foi aí que eu errei, nós fomos primeiro lugar em uma semana. Eu parava no sinal para ouvir a rádio que estava tocando no carro e era Rádio Cidade. Foi um sucesso estrondoso, foi um negócio, que era uma máquina de fazer dinheiro. Começou a entrar anúncio, entrar anúncio, tinha que mandar parar para não estragar a rádio. Fizemos uma Rádio Cidade em Salvador, uma Rádio Cidade em Belo Horizonte, uma Rádio Cidade em São Paulo, que nós não tínhamos a concessão, mas tinha um senhor que era dono de cinema e que era amigo do ministro que tinha dado uma rádio a ele e nós fizemos uma joint venture em que ele tinha 51% das ações, nós tínhamos 40%, fazíamos a programação e tudo e tínhamos poder de veto. Ele ficou satisfeito para burro porque ganhou muito dinheiro. Fizemos Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre, tem uma quinta... todas elas eram primeiro lugar de audiência e uma máquina de fazer dinheiro e entra na minha vida o Dr. Roberto Marinho. Um amigo comum me liga e diz: " Roberto quer falar com você". Era para eu ir lá na Venus Platinada às tantas horas. Eu estava há 27 anos no Jornal do Brasil, não tinha nada o que fazer lá. Ele queria que eu fosse para lá, me disse as condições e tal e eu disse tudo bem. No dia seguinte fui falar com o Dr. Brito... mas liguei para o Roberto Irineu e pedi para ele dizer para o pai que eu não ia não. Passam-se dois meses e esse mesmo amigo comum me liga de novo e me diz que o Roberto me mandou botar no papel tudo que eu queria para dirigir o Sistema Globo de Rádio. Eram 27 rádios, entre AMs e FMs. Peguei um papelzinho e botei tudo que ele não poderia me dar, luvas igual a jogador de futebol, participação no faturamento, não era nem no lucro, podia até dar prejuízo que eu tinha tanto por cento do faturamento, tudo que ele não podia me dar. Aí ele marcou um dia. Eu vou a pé da minha casa para a TV Globo, não é? Cheguei lá: "Dr. Roberto, o senhor mandou perguntar o que eu queria, está aqui". Dei o papelzinho a ele. "Meu filho, você está pedindo muito". "Dr. Roberto, o senhor mandou perguntar o que eu queria, eu quero é isso, se o senhor quiser me dar tudo bem, eu venho para cá, se não quiser me dar tudo bem, continuamos amigos". "De acordo". O que é que eu fui arrumar para minha vida? O que é que vou fazer? [risos] Isso era uma sexta-feira. Aí eu telefonei para o Sérgio Noronha, que é o meu melhor amigo, para um cunhado meu que morava no Rio, cunhado é cunhado para toda vida, não deixa nunca de ser cunhado, ex-cunhado não existe, e um amigo meu, um banqueiro que já morreu fomos jantar ali naquele restaurante Antonino que tinha na Lagoa. Que eu ia muito lá e tal. Aí contei, estavam sabendo eu e mais três pessoas. Falei que ia sair do Jornal do Brasil, porque era dinheiro demais. Toca o telefone do Antonino, era um amigo minha, a Marió, Maria Eugênia, me perguntando se eu queria jantar e chamei para ela passar ali e nós iríamos ao Antônio's, ali na General San Martin, um lugar hiper na moda, sexta-feira você

conhecia todo mundo. Aí, eu entro com Marió, lá na mesa do fundinho eu vejo uma mãozinha acenando. Eu fui lá: "Oi, Dr. Brito". Dr. Brito começa a falar alto: "Você não tem o direito de sair do Jornal do Brasil, você preferiu o dinheiro, isto é um absurdo". Ele já estava meio bombadinho e falava alto. Silêncio total. Ali se conhecia todo mundo, eu me debrucei sobre a mesa dele para ver se ele falava mais baixo, mas nada, ele gritando. Um amigo dele, o Frank Sá, que era um dos donos daquele Banco da Bahia, passa por trás, bota a mão no meu ombro e diz: "Maneco, você já viu que o Lemos só anda com mulher bonita?" Era a Marió, que estava em pé na entrada, me esperando. Ele dizia que ali não era o lugar e nem a hora para ele saber que eu ia sair do Jornal do Brasil. Eu digo: "Concordo com o senhor, segunda-feira eu vou no seu escritório e lhe explico". Peguei a Marió, fui para o segundo andar onde era o restaurante e lá embaixo estava o Zózimo, pedi para o garçom chamar o Zózimo, ele subiu e eu pergunto: "Zózimo, o que se passou aqui nessa porra?". Um sujeito - que está até muito mal de câncer - que era o então diretor administrativo da TV Globo, estava sentado ao lado do Dr. Brito, aí, ele ia embora e na hora de ir embora - provocação, não é? era a maior rivalidade entre JB e Globo - na hora de ir embora ele bateu no ombro do Dr. Brito e falou assim: "acabamos de fazer uma grande contratação, contratamos o Lemos"... e foi embora com a mulher. Foi assim que o Dr. Brito soube e foi aquele esporro. No dia seguinte me telefona esse amigo comum dizendo que o Roberto já sabia de tudo que tinha acontecido e mandando eu ficar tranquilo, porque já estava combinado. Segunda-feira eu vou lá para o Jornal do Brasil, chego lá às 9 horas, Dr. Brito parecia até o inspetor Sena, me deixou esperando até 4 horas da tarde. Eu subi e ele disse: "Lemos, eu pensei que você ia morrer aqui, mas você preferiu o dinheiro, de modo que você pode ir embora". Digo: "Dr. Brito, um dia o senhor vai saber a verdade dessa história". Estava ele e o Bernard, pedi licença e fui embora. Ele nunca mais falou comigo, mas depois ele fez as pazes comigo. Eu fui para a Rádio Globo e foi um fracasso. Sabe o que é um fracasso? Foi um fracasso! Eram 27 rádios e aquilo era um antro, não se hoje ainda é, de ladrões, roubavam ali o Dr. Roberto, você não pode imaginar, o Comercial, o Esporte, aquele Waldir Amaral, aquilo era um ladrão. O chefe da programação, coitado, já morreu, todo mundo ganhava, todo mundo ganhava e o Dr. Roberto, coitadinho, entrava pelo cano. Foi a época mais angustiante, que eu queria fazer uma coisa, pedia e o cara ficava sentado olhando para minha cara e não ia coisa alguma. Foram seis meses em que eu vivi estressado. Era um terror, os caras fazendo intrigas, ou tinha mais de 30 anos de casa, ou o Dr. Roberto era padrinho do casamento, os caras todos me chacoalhando junto ao Dr. Roberto. Chegou um dia, eu estava há um seis meses, o Dr. Roberto não me atendia mais ao telefone e eu passei a não ligar também para

ele. Meu chefe imediato era ele, eu queria tomar uma providência e não podia porque ele não me atendia. Até que um dia eu peguei o carro, botei na garagem de casa e fui lá para a TV Globo e pedi pra falar com o Dr. Roberto. Demorou um pouco, mas ele me recebeu. Falei: "Dr. Roberto, eu não estou fazendo o que eu supunha que o senhor quisesse fazer na rádio, então o senhor deve estar insatisfeito, eu também estou muito insatisfeito, porque não estou fazendo o que queria fazer, do modo que queria fazer". Ele disse: "Aceito a sua demissão, mas você vai continuar na organização, vou procura um lugar para você". Eu fiquei dois meses ganhando aquele dinheirão. Toda a segunda-feira eu ligava perguntando se ele já tinha um lugar para mim. Eu ganhando um dinheirão, falava com o Dr. Roberto de manhã cedo, ia para a praia... eita, beleza! [risos] Eu só não podia viajar porque ele podia me chamar a qualquer hora. Foi uma maravilha, dinheiro rodando, praia que era um beleza! Um dia ele manda me chamar e disse que tinha um lugar para mim: sub-chefe da redação de O Globo. O diretor era o Evandro, o chefe de redação se não me engano era o Luiz Garcia, eu ia ser segundo do Luiz Garcia. Ele perguntou se me interessava e disse que as condições salariais seriam outras. Fui para lá e fiquei um mês ali de sub-chefe e foi outro lugar que eu fiz outra grande besteira. Tem um amigo meu chamado Piquet Carneiro, e tinha o corredor Nelson Piquet, que o filho está aí começando a brilhar, aí veio uma chamada de primeira eu disse que fazia: Nelson Piquet Carneiro ganhou a pole position. [risos] No dia seguinte perguntaram quem tinha feito essa merda? Digo: "Eu". Fiquei um mês lá e o Evandro disse que precisava de um favor meu: "Eu quero que você vá chefiar a sucursal de Brasília por 15 dias até arranjar um substituto." "Não fico nem um dia além dos 15 dias, está bom?". Todo lugar tinha uma sala, acho que tem até hoje, para o Dr. Roberto, que ficava pronta para ele chegar, ele ia lá visitar o Tancredo Neves. Aí deu o bode do Tancredo, quando eu estava lá, nesse período de 15 dias, deu o bode do Tancredo. Aí o negócio ficou bom e eu voltei a ser jornalista, me voltou a alma jornalística. Um dia Dr. Roberto foi lá, acho que logo após a morte do Tancredo e disse que queria que eu ficasse em Brasília. Acho que estava no fim, o Tancredo ainda estava vivo e tal, pedi para esperar acabar esse negócio do Tancredo e tal. Aí o Tancredo morreu, peguei o avião e vim no Rio e falei com Evandro, que disse que Dr. Roberto me queria lá, que tinha gostado muito do meu trabalho lá. "Pô, eram 15 dias, Evandro, eu já estou há dois meses!". Perguntei quais eram as condições: um bom salário, casa no Lago com piscina, gramado e direito a passagem todo fim de semana para o Rio de Janeiro. Fiquei cinco anos em Brasília. No princípio eu vinha todo fim de semana, mas depois você começa a fazer umas amizades e já fica lá. Fiquei muito camarada do Dr. Ulysses Guimarães, ele era presidente da Câmara, presidente da

Constituinte, aos sábados dona Mora dava uma feijoada com aqueles deputados e alguns jornalistas e tal. Eu ia e tinha aqueles aperitivos e tal e estava servindo a mesa, a dona Mora pegava e dizia assim: "Ulysses senta ali, eu vou sentar aqui e o Lemos vai sentar aqui ao meu lado, o resto pode sentar onde quiser". Então você fica, parei de vir, arrumei uma namorada lá e tal, ficava por lá mesmo e levei cinco anos nessa história. Até que um dia eu vim e disse: "Evandro, eu não quero morrer em Brasília. Arruma um lugar para mim aqui no Rio, mas morrer em Brasília não quero morrer não". Aí ele me arrumou de ser chefe da Agência Globo. Aí vim embora e fui dirigir a Agência Globo, fiquei uns dois, três anos dirigindo a Agência Globo. Isso é 1989. Fui ser diretor da Agência Globo, mas aquilo era muito chato e saí e fui trabalhar com Rogério Monteiro, que tinha uma agência de assessoria. Eu trabalhava com ele e tinha umas contas que eu ia administrar. Aí ele pegou a CBF, botava lá Ana Maria na linha de frente e eu ia lá duas vezes por semana. Depois da Copa da França, quando nós chegamos, o segundo do Ricardo Teixeira me diz que o Ricardo queria que eu ficasse exclusivo da CBF. Fui lá conversar com o Ricardo ele disse que queria que eu ficasse exclusivo e que podia colocar dois auxiliares, um estagiário. Eu disse que estava bom, as condições eram interessantes, ganhava bicho. Fiquei lá com Vanderlei Luxemburgo, com Leão e com Felipão. Não cheguei a ir à Copa, antes disso, eu sei bem por quem, o Ricardo me disse que ia dispensar os meus serviços. Quem dá o emprego tem o direito de tirar, me pagou, me deu uma gratificação e eu saí da CBF e voltei para o Rogério Monteiro.

Lemos, a primeira Copa em que você acompanha a CBF é a de 94?

Não, eu não fiz nenhuma Copa pela CBF, eu fui à Copa de 58 pelo Jornal do Brasil. 1962, já chefiando uma equipe maior do JB. 1966, da Inglaterra, que nós perdemos, jogamos mal para diabo, pelo JB. 1979, o Brasil é campeão e aí eu não estava mais. Não, eu ainda não tinha entrado na CBF, eu assisti à Copa. O difícil do planejamento de cobrir Copa é que o time se tirar segundo vai para não sei onde. A organização tem que ter quarto sobrando em tudo que é lugar porque se for para lá... e tem que pagar quarto antecipado. Então O Globo me dava credencial e os quartos e a passagem era por minha conta porque os quartos estavam vazios mesmo. Então, 70 eu já fui assim para a Copa, ainda não estava na CBF. Eu tinha entrado na Rádio Globo e não quis ir à Copa, não eu entrei na Copa da Argentina, eu estava recém entrado no Sistema Globo de Rádio e não quis ir, em 78, uma besteira eu devia ter ido. 82, no México, eu fui nesse mesmo esquema também, tinha os quartos e credencial, aí nós perdemos nos penalties, porque o Zico não podia entrar porque tinha voltado de contusão e botaram ele frio para bater penalty e ele perdeu o penalty. Espanha, não fui não sei por quê. Itália, fui pelo mesmo

esquema do Globo. 94, não fui. Em 1998, fui convidado da CBF, e é na volta que eu entro na CBF, tinha uma porção de convidados da CBF, ainda não trabalhava com eles.

Você acompanhou a derrota do Brasil, aquele problema todo com o Ronaldinho?

Acompanhei como torcedor, tinha o ônibus que nos levava, tínhamos entrada e tal, a CBF que dava. Eu soube do problema do Ronaldinho, porque estava a Glória Maria entrevistando ali no lugar em que os convidados da CBF estavam, entrevistando os franceses e tal e no fone ela disse que o Ronaldo não ia jogar. Como não vai jogar? Teve um problema de saúde e não vai jogar. Quando entra em campo, anuncia e entra o Ronaldo, ele teve um piripaque.

Você não estava cobrindo, e ainda não estava pela CBF, mas você pôde observar como a imprensa se comportou nessa crise?

Ficou enlouquecida, enlouqueceu direto, não sabia o que fazer. A imprensa deu uma bobeadada, porque no dia do jogo ela não podia entrar na concentração e tinha que estar na porta para sair junto com o ônibus. Não mandou carro acompanhar, entende? A partir daí ela entra pelo cano, porque ela não vê nada. Não entra no estádio, não entra no vestiário, e é pega de surpresa vendo o Ronaldo entrar, vem um lá diz que Ronaldo não vai jogar e não sei o quê, ela é pega de surpresa vendo o Ronaldo entrar, foi pega de surpresa como eu.

Lemos voltado à época de Brasília, você estava falando da sua proximidade com Ulysses Guimarães, como era essa cobertura de Brasília, com essa proximidade que os jornalistas têm com os políticos?

Aí tem uma coisa complicada, é a tal fonte. O político te dá uma notícia em primeira mão? Ele vai te cobrar algum dinheiro. De graça não tem nada. Como eu ficava ao largo e não estava na linha de frente, estava dentro da redação, eu dava jantar na minha casa com jornalistas do Globo, alguns políticos e não sei o quê, dava jantares lá em casa e tal. Só tentaram me comprar uma vez e não foi lá, foi escola de samba, mas essa fase da minha vida eu não falei ainda eu sou muito velho tenho muita história, vamos acabar, chega.

Mas Dr. Ulysses lhe passava alguma informação?

Não, eu não fazia questão de ter nenhuma informação porque isso era função dos repórteres. Tem repórter safadinho e tem repórter seríssimo. Essa Tereza Cruvinel, que foi colunista do Globo anos e anos hoje em dia é presidente da TV Brasil, ela é

de uma integridade fantástica, ela tinha fonte porque tinha respeito. O Jorge Bastos Moreno, que faz uma coluna aos sábados, *Nhém-nhém-nhém*, também é um sujeito incorruptível. Tem safadinho? Tem, mas como qualquer profissão. Tem chofer de ônibus safadinho, o cobrador do ônibus que cobra três e registra duas, como em toda profissão tem honestos e desonestos. Eu não tive nenhum problema com isso.

Lemos, no período do impeachment, como você avalia o comportamento da imprensa naquele momento?

Pior que ele era inocente, não é? A imprensa mergulhou naquilo, arrastou a opinião pública e o Collor foi absolvido em todos os processos até no Supremo Federal, o ladrão era o PC Farias, esse era o ladrão. O Collor foi absolvido em tudo, não votei em Collor, jamais voltei em Collor, não tenho nada a ver com isso. Como eu acompanhei? Acompanhei assim, ele era inocente, tanto que ele está aí outra vez, é senador da República. O PC Farias roubava e podia passar dinheiro para ele mas se passou ele recebeu sem deixar rabo.

Lemos, para você, o que é ser jornalista?

Jornalista é a melhor profissão do mundo, a melhor e mais difícil profissão do mundo. Hoje estava nos jornais, na televisão, que Comunicação é um dos dois cursos mais procurados. Comunicação tem um ramo enorme, marketing, relações públicas e jornalismo propriamente dito. Jornalismo é uma pirâmide como toda profissão, entram 500 repórteres aqui embaixo e quem chega lá em cima são poucos. Para cada Dr. Ivo Pitanguy tem 500 aqui embaixo, ele chegou lá em cima. Jornalismo é isso. Trabalho, trabalho, trabalho. Jornalista vai cobrir um negócio tem que ser o primeiro a chegar, o repórter é o mais nobre dos jornalistas, tem que ser o primeiro a chegar e o último a sair. Tem que fazer igual ao Newton Carlos Figueiredo, uma vez por mês nós jantamos juntos. O Jango era Ministro do Trabalho e o Newton Carlos cobria o Ministério do Trabalho e ele chega lá, a porta do gabinete do Jango estava aberta e ele entra e começa a fuxicar os papéis que tem. Volta o Jango e pergunta o que ele estava fazendo ali e sai o Newton Carlos correndo e o Jango atrás dele chamando a segurança, jornalista é isso. Tem que ter ousadia mas tem que respeitar a lei, ordem e tal tem que respeitar, a lei a ordem e a Constituição, mas, até onde puder, tem que ter ousadia. Trabalhar muito, criatividade dentro da realidade, não pode ser criativo de matar piranha no Oceano Atlântico, mas tem que... entende? É uma das mais nobres profissões. Você tem quatro filhos e nenhum jornalista, você fica triste por isso? Não, não era a vocação

deles, nunca forcei para ser e jamais forçaria para não ser, por acaso nenhum deles é isso.

O que você acha de uma iniciativa como essa, de resgatar a memória do jornalismo brasileiro?

Eu acho ótimo, muito bom, o brasileiro é acusado de não ter memória, é um pouco de exagero mas ter isso documentado, essas besteira todas que eu disse aí, amanhã um vai dizer que o Lemos está mentido e tal porque as opiniões não são iguais, senão não teria graça, o que seria do amarelo se não fosse o azul. Então, é uma profissão difícil, mas é altamente gratificante. Ontem, eu estava falando, fui comer um pizza ontem à noite com Sérgio Noronha e ele disse: "ser jornalista é muito bom, não é?". "É muito bom!". Ontem, não foi anteontem não. Você conhece pessoas, conhece lugares, viaja e mesmo que não viaje conhece gente dentro da sua própria cidade, gente interessante, gente safada, gente boa, isso é fascinante! Claro que o médico vai dizer que a profissão dele é fascinante, que ele salva vidas. Nós erramos também, o jornalista erra. O médico errou e matou uma filha minha, a minha filha morreu por barbearagem do médico. O médico mata tirando a vida, o jornalista mata tirando a moral, por isso temos que ser muito cuidadosos nas nossas afirmações, mas muito mesmo. Agora, é nobre, é bom, é gostoso ser jornalista.